

Do outro mundo: fragmentos, rastros e construção

Arlinda Alves de Sousa¹ – Universidade de Brasília

Grupo LER: leitura, ensino e recepção.

Resumo:

O objetivo desse trabalho é mostrar como o passado real influencia e determina ações da vida ficcional na obra *Do outro mundo* de Ana Maria Machado. As ruínas do passado dão pistas de como deve ser o presente. O desenrolar da trama demonstra como as heranças culturais são apreendidas e internalizadas esteticamente na obra literária. As artes se complementam e se condensam na obra literária. Nesse espaço ficcional, as diferenças constroem um universo divertido e promissor. O leitor se envolve em uma linguagem poética e com contagiante movimentação, o narrador-personagem dita regras que encaminham o leitor ao suspense. Ele convoca o leitor a participar, à medida que questiona as dificuldades de escrever.

Literatura – infanto-juvenil- recepção- Ana Maria Machado- suspense

From the other world: fragments, tracks and construction

Abstract:

Showing how the real past influences and determines fictional life actions on Ana Maria Machado's oeuvre *From the other world* is this paper's goal. Former ruins give tracks about how the present should be. The story demonstrates how cultural heritage is esthetically understood and internalized in the book, in which arts are complimentary and condensed. In this fictional space, differences are constructed in a promising and humorous universe. The reader becomes involved in a poetic language, and the character-teller conducts him to a suspense atmosphere. The reader is called to participate, as long as he questions writing difficulties.

Literature – child-youthful – reception – Ana Maria Machado - suspense

¹ **Arlinda Alves de Sousa** é professora da rede pública do Distrito Federal – Brasil, com mais de 20 anos de experiência de magistério da educação básica, primeiro ciclo. Especialista em Letras (leitura, análise e produção de textos), é mestranda no Programa de Pós-graduação em Literatura da UnB, com pesquisa acerca de leitura nas séries iniciais do processo escolar.

Do outro mundo: Fragmentos, rastros e construção

*Do outro mundo*² de forma intrigante, traz ruínas do passado que se descortinam no presente, cheio de fragmentos históricos que justificam a riqueza e a formação do povo brasileiro. Realidade e ficção se misturam com os acontecimentos sobrenaturais que criam os conflitos que despertam no leitor curiosidade e desejo.

Dividida em nove capítulos, *Do outro mundo* transcorre numa ação linear: inicia com a mudança das famílias para um lugar fantasmagórico impregnado de sombras e aparições. Termina com a jura de Mariano que fará por escrito a aterrorizante história. Entre o primeiro e nono capítulo os personagens Mariano, Léo, Elisa, e Terê (amiga de Elisa); Vera (filha de dona Carlota e mãe de Léo e Elisa); e os pais de Mariano participam da trama envolta num constante suspense. O terror se instala a cada aparição da escrava Rosário, que vive nas paredes da antiga senzala, atual anexo da pousada. Os conflitos que permeiam a trama dependem de dona Carlota e Rosário, as únicas que poderão desvendá-los.

O objetivo deste artigo é mostrar como o passado real influencia e determina as ações da vida ficcional dos personagens nessa obra. As várias camadas da história oferecem muitas possibilidades de compreensão e interpretação, por isso, com base no texto do Jauss, falaremos da recepção dessa obra entre os leitores contemporâneos. Esse leitor, dependendo do nível de formação, deve obter a mediação necessária para entender cada fragmento poético que formam essas obras.

Jauss propõe destacar os horizontes de uma primeira leitura de percepção estética, seguida da segunda leitura de interpretação retrospectiva. A seguir, uma terceira leitura que será histórica e se inicia com horizonte de expectativa. A obra de Ana Maria Machado, por ser uma narrativa brasileira, está impregnada com a história do processo de libertação e também mostra como a criação literária carrega a influência de outras obras.

² *Do outro mundo* é de autoria da escritora brasileira Ana Maria Machado, premiada por sua extensa obra, com mais de cento e cinquenta livros publicados. A escritora recebeu variados prêmios, entre eles o Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel da literatura infantil mundial. Ocupa a cadeira número um da Academia Brasileira de Letras e possui facilidade de escrever para todos os níveis de leitores de todas as idades.

Como primeira leitura, o enfoque será nos trechos que oferecem suspense e giram em torno da personagem fantasmagórica que aparece e desaparece. Nesse caso, o destaque de percepção estética estará na superfície das palavras e expressões que despertam terror. Os personagens, a cada ação dessa primeira leitura, fixar-se-ão nos acontecimentos aterrorizantes e em como as crianças prosseguem na luta para desvendá-los.

A segunda leitura será para desvendar o que o texto revela acerca da história da formação do povo brasileiro e da riqueza obtida com o trabalho escravo. Por trás das paredes ou enterrados pelo chão, escondem-se os segredos que podem ser mais uma chave para compreender e interpretar a narrativa. Para isso, é necessário buscar nos antepassados todo esse mistério. Impregnado com o processo de libertação, esse texto leva o leitor para a reflexão acerca de outros tipos de arte.

Para terceira leitura, que é histórica, ele propõe o horizonte de expectativa. Então quando o leitor examina os nomes, logo percebe que está impregnada de termos ricos de significados para o momento. A autora percorreu um caminho para tecer a trama, o modo de vida do país em que vive ou viveu, as leituras realizadas tanto pela autora como pelos leitores e outras análises feitas acerca da obra recepcionada.

A narrativa oferece uma estrutura que possibilita ao receptor a percepção do caminho para o todo, a cada imagem construída. A narrativa permite que o leitor comece a compreendê-la antecipadamente, a partir da análise do título. Ao prosseguir a leitura do primeiro capítulo, ele começa a realizar antecipações que serão comprovadas ou não, dependendo da estrutura estética. “Este caráter estético possibilita como princípio regulador que haja uma série de interpretações para cada texto literário, distintas na explicação, mas compatível em relação ao significado concretizado.”³

O horizonte de experiência e expectativa dita os caminhos percorridos na primeira leitura. Nesse caso, vale o que o título fez com que o leitor pensasse que o que iria dizer. Ao iniciar a leitura, o leitor começa no primeiro capítulo a confirmar suas hipóteses e desprezá-las em função dos acontecimentos. O significado continua em aberto até o

³ Jauss, Hans Robert. O texto poético na mudança de horizonte da leitura in Teoria da literatura em suas fontes, v.2/ seleção, introdução e revisão técnica, Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p:883

término do texto. “A análise deve seguir o significado ainda em aberto durante o processo de percepção, percepção esta que o texto orienta como uma partitura.”⁴

O suspense

Ao escolher essa obra para a leitura, o receptor se depara com o título que desperta suspeita acerca *Do outro mundo*. Imediatamente o leitor se faz a pergunta: que mundo é este? Para essa leitura a percepção do leitor estará mais ligada aos fatores de terror e suspense, que mexem com o imaginário infanto-juvenil. Essa indagação abre o horizonte de expectativa relacionado aos conhecimentos ficcionais de suspense que estão no inconsciente do leitor. Essas noções vêm das histórias e lendas que se ouvem, ou são veiculadas nos meios de comunicação, ou se lêem em revistas. Também o pensamento é variado. O Brasil é rico em tradição folclórica, portanto este outro mundo pode ser dos sacis, mulas-sem-cabeça etc. Ou deduzir, ainda, que este mundo é dos marcianos, ou dos fantasmas? O leitor se encarrega de criar o primeiro suspense a que se propõe essa obra, nas respostas que hipoteticamente satisfazem à pergunta inicial.

Mas o que é literatura de terror? Ela vem carregada de fatores que despertam o sentimento de medo. Então o suspense começa, pois o *Do outro mundo* é um lugar desconhecido e cheio de surpresas. Mas que surpresas são essas? O suspense provocado pelo título só pode ser esclarecido à medida que o leitor interagir com o universo ficcional. O suspense do significado desse universo do outro mundo só será esclarecido mediante a leitura da obra.

Logo no início da obra, há o diálogo com leitor que aos poucos se envolve na trama, quando Mariano reclama que poderá perder o amigo. Essa expectativa não se confirma, porque as mães deles se associam e resolvem transformar a casa do sítio em pousada. E logo depois eles vão morar juntos nesse sítio que era de dona Carlota, avó de Léo. Aí o suspense esquenta na primeira noite, quando os meninos e meninas dormem naquele anexo da pousada.

“O barracão era muito escuro e lúgubre. [...] O vento entrava por uns buracos que havia na parede embaixo do telhado, e parecia um bando de lobos uivando em filme de terror.

⁴ Jauss Hans Robert. *O texto poético na mudança de horizonte da leitura*. in teoria da literatura em suas fontes. V.2 p: P:877

Cada vez que se abria a porta, saía de lá de dentro uma revoada de morcegos. E sempre havia uns barulhinhos que Elisa jurava que eram ratos.”⁵

Quando todos dormiam, Mariano e Elisa ouvem uns barulhos de arrepiar. Esse suspense se intensifica quando eles, sem saber um do outro, resolvem sair na escuridão para ver o que eram aqueles ruídos. Mariano sai do quarto com a lanterna para procurar quem estava chorando e não encontra ninguém. Enquanto isso, Elisa havia acendido as velas que estavam num castiçal encontrado nos escombros da reconstrução do barracão do anexo da pousada.

Só depois que amanheceu, eles descobriram alguns detalhes que aumentaram mais a curiosidade. Sem que outros soubessem, conversaram: “Não sei quanto tempo tinha passado quando acordei. A maior escuridão. Mas dava para ouvir muito nítido. Um ruído abafado, mas que não deixava a menor dúvida. Gemidos e soluços. Alguém estava chorando. Uns gemidos doídos, de cortar o coração.”⁶

Muitas noites se passaram, até que a pousada ficou pronta. Eles se reuniram para passar mais uma noite juntos, quando começou o barulho intrigante. De repente a luz apagou “Parecia alguém arrastando móveis, ou umas correntes pesadas...”⁷ O medo crescia a cada ruído. A escuridão era apavorante. Quando Elisa se lembrou do castiçal que ela encontrou nos escombros da reconstrução. Então ela o acendeu. Aí, mais um elemento se concretizou para acelerar o suspense. Aparece diante dos personagens uma menina nítida e transparente. Suas vestimentas pareciam diferentes. Lembravam as roupas da escrava do quadro do Debret que estava na parede. Mil coisas passaram pela cabeça dos personagens. Eles começaram a ligar aquela menina ao passado, porém sem certeza. Faziam suposições sempre assustadoras.

Depois que viram aquela menina, eles tiveram que vencer o medo e estabelecer a interação. Descobrem então o nome dela e que ela morava lá. Esse fator aumentou a curiosidade. Quando eles começaram a descobrir alguns detalhes, o galo cantou e “Ela foi desaparecendo. Bem na nossa frente. como se fosse feita de nuvem ou de fumaça que o

⁵ Esse fragmento foi retirado da obra: Machado, Ana Maria. *Do outro mundo*. São Paulo, Editora Ática: 2006

⁶ Idem p: 28

⁷ Idem p: 40

vento espalha.”⁸ Foi aquele alvoroço entre os meninos, eles não sabiam se ela realmente existia ou era um fantasma.

Naquela noite os personagens quase não conseguiram dormir. Logo que o dia clareou, eles deram um jeito de ficarem sozinhos para conversarem mais a respeito daquela aparição. Se fantasma não existe, então de onde ela apareceu. “pode ser alma de outro mundo, espectro, ser de outro planeta ou alucinação coletiva”.⁹ Eles se lembraram de um detalhe. Ela disse que ganhou aquele castiçal de Iaiá. Ela começou a falar que era essa pessoa. No meio da explicação o galo cantou e ela se foi.

Eles resolveram, então, fazer pesquisas em livros, na internet e perguntaram para a avó do Leo e da Elisa quem era Iaiá. Descobriram que Iaiá era do tempo do tataravô de Léo. “Se a Rosário é mesmo fantasma e apareceu por aqui, diante de nós, é porque existe alguma coisa importante para ela neste lugar ou em nós”¹⁰ Tal qual um quebra cabeças, começaram a juntar as peças para remontar a história.

Precisavam de mais detalhes. Queriam vê-la de novo. Mas como. Depois de muito conversar resolveram fazer o mesmo ritual do dia em que ela apareceu. Se Rosário é um fantasma. “Temos que acender o castiçal de Iaiá. Da outra vez, a Rosário só apareceu com a luz da vela.”¹¹ De repente, a porta rangeu e se entreabriu e ela entrou. Só tinha um detalhe que confirmava que ela não era desse mundo, não fazia sombra. O medo era grande, mas a curiosidade era maior.

Depois de acenderem o castiçal que era a chave para o aparecimento, Rosário se mostrou. Todos tiveram que controlar o medo e começar a perguntar para entender o que aconteceu. “Nem sei quantos anos ou séculos fiquei vagando pelo meio dessas paredes queimadas, assoviando e tentando chamar alguém. Mas tinha que ser de noite e, ninguém dormia aqui.”¹² Ela explicou porque foi embora. Depois falou da Iaiá e do pai dela, o senhor Peçanha. Falou das maldades do senhor. Para que os personagens entendessem o que ela queria ela contou do Zé caboclo um vizinho, pai de duas crianças que eram amigos deles, Rosário e seu irmão amaro. Eles não eram escravos e que não escravizava

⁸Todos os fragmentos foram retirados dessa edição: Machado, Ana Maria. *Do outro mundo*. São Paulo, Editora Ática: 2006

⁹ Idem, p: P 53

¹⁰ Idem, p: p 58

¹¹ Idem, p: 60

¹² Idem, p: 69

ninguém os ajudava nas fugas. Ao descrever as crueldades, Rosário ficou triste e nesse momento os meninos puderam identificar os gemidos e soluços ouvidos no início da história. No meio da história o galo cantou e ela foi desaparecendo aos poucos como fumaça.

Os meninos começaram a controlar a ansiedade e queriam entender o que Rosário buscava, por isso chamaram-na mais uma vez com o poderoso castiçal. Eles a esperaram no famoso quarto da Vendedora de Folhas de Bananeira. Ela falou do fim da escravidão que é a causa da morte de todos. Foram presos na senzala que era naquele lugar onde eles estavam, e atearam fogo. Todos morreram carbonizados. Quando ela falou: eu morri, deu um calafrio nos personagens. Ela explicou que voltou porque no dia que a senzala foi incendiada o irmão dela havia saído e ninguém sabia que havia acontecido com ele. A missão dos meninos era descobrir. Ele deixou o Mariano descobrir isso. “Nós vamos descobrir o que aconteceu com seu irmão Amaro”. Ela terminou de falar e concluiu dizendo: Agora, você é escravo da sua promessa.

Era tarde da noite, quando a coruja piava lá fora. Rosário estava tranquila com a promessa dos meninos. Então se despediu, falou que não voltaria mais. Ficou cada vez mais transparente e virou vapor. Além de procurar o irmão de Rosário, o Mariano e sua turma deveria registrar tudo em livro para que outras pessoas conhecessem essa história. Eles descobriram com dona Carlota, que Amaro era o tataravô de Léo e que Rosário era a tia tataravó.

A herança

Com parte da segunda leitura, a análise será para o que está submerso em cada expressão, em cada frase, em cada título. Para isso, a busca acontece em todas as artes: literária, plásticas, arquitetônica, da moda. Essa riqueza aparece com forma de intertextualidade.

A intertextualidade acontece não apenas pelo significado da mensagem, mas pela regularidade crescente da forma, criando imagens, expressões e sequências, e também pelo gênero, estilo e personagens. A intertextualidade acontece num deslocamento de ideias, pensamento de um espaço para outro, incorporando num encaixe perfeito em outra ideia. Essa enriquecedora prática só torna essa obra densa e repleta de caminhos para a interpretação par o leitor infanto-juvenil.

No título do primeiro capítulo, *Café com leite*, retorna ao história do Brasil que envolve não só o potencial econômico do café e do leite, mas também a cores do café e do leite, ou seja, preto e branco, que representam a mistura das pessoas no Brasil, africanos e europeus. Os amigos inseparáveis Mariano e Leo representam isso. Eles fazem uma combinação perfeita. “mas é só olhar para ver como somos diferentes. Leite e café. Eu sou alto e magro, e bem mais claro. Léo é moreninho, mais escuro (menos que a mãe e muito menos que os avôs, mais escuros) ¹³.

Feijão com arroz representa a base da alimentação dos brasileiros. Os escravos que já podiam usufruir das leis dos sexagenários, porém eles se viram numa situação difícil, porque eles, na velhice, não teriam para onde ir. Eles tiveram que continuar nas fazendas, trabalhando por um prato de feijão com arroz.

Preto no branco é uma expressão para confirmar a importância da escrita, do registro. Esse fato é muito valorizado pela personagem para garantir que todos no futuro saberão da história. “Lembrar a história da Rosário e botar tudo no papel, preto no branco, como ela havia pedido”¹⁴

Escravo, escrevo é tal qual no poema o lutador¹⁵, Mariano passou a escrever a história mesmo estando com grande insegurança. “*Lutar com palavras é a luta mais vã*” Ele segue ir adiante com a escrita, pois “tinha que escrever porque estava escravo de uma promessa feita a um fantasma”¹⁶

“*Devagar com o andor que o santo é de barro*”. É um ditado popular para que as atividades sejam feitas no tempo certo sem atropelos, pois quando se está muito apressado você corre o risco de não conseguir concluir.

Em cada quarto da pousada havia gravuras de Rugendas e Debret¹⁷. A Vendedora de Folha de Bananeira, o Naturalista, o Vendedor de Flores e Fatias de Coco que retratam as atividades dos escravos. Nessas gravuras os meninos viam como eram as vestimentas

¹³ P: 14

¹⁴ p;102

¹⁵ Andrade, Carlos Drummond. Antologia poética. Rio de Janeiro: editora Record, 1999. p: 182

¹⁶ p;115

¹⁷ Rugendas, (alemão) e Debret (francês) que viajaram pelo Brasil no século XIX. O primeiro desenhista, chegou ao Brasil em 1821 e permaneceu aqui por quatro anos. Retratou em desenhos e aquarelas, aspectos da paisagem, tipos e costumes de varias regiões brasileira. O segundo escreveu e ilustrou *Viagem pitoresca e histórica do Brasil*, obra de grande valor para a história do Brasil no início do XIX. Permaneceu aqui por quinze anos.

dos escravos e dos senhores. “Acabaram nos mostrando a nós mesmos, tanto tempo depois: as paisagens, as casas, os índios, os escravos, os senhores, os móveis, os tipos de trabalho das pessoas, o que elas vestiam, os vendedores ambulantes, montes de coisas...”

Outros objetos fizeram parte dessa construção da narrativa como as correntes que se arrastavam na primeira aparição da Rosário. A questão da talha que os escravos traziam na cabeça e o fogão de lenha que representa a arte rústica dos nossos antepassados. Aparece também herança as construções que eram feitas de taipa, pau - a - pique, ou seja, de varinhas trançadas cobertas com barro. A talha também aparece como importante utensílio doméstico que era feito de barro pelas próprias mãos dos escravos. Os meninos ficaram sabendo da história porque dona Carlota contou, a grande herança está na presença humana ao lado dos meninos.

O personagem-escritor Mariano é a junção de Ana Maria, com a versão no masculino. Há uma reflexão de como os escravos, depois da abolição, conseguiam documentos. “Quando não se sabia qual ia ser o nome da família de alguém, muitas vezes se registrava a criança como “da Silva”, que era como fosse da selva, do mato. Quer dizer, achada numa moita qualquer, filha da natureza”.¹⁸ E o mesmo acontece outros sobrenomes como Nascimento e Santos.

“O texto poético se torna compreensível na sua função estética apenas no momento em que as estruturas poéticas, reconhecidas como características no objeto estético acabado, são transportadas, a partir da objetivação da descrição, para o processo da experiência com o texto, a qual permite ao leitor participar da gênese do objeto estético.”¹⁹ A recepção se completa quando o leitor interage com o texto literário, relacionando os vários conhecimentos que obteve ao longo da vida ou com auxílio do mediador. Esses conhecimentos completarão para que aconteça a segunda leitura de modo prazeroso e reflexivo.

Reflexão

Como terceira leitura pode iniciar a leitura histórica, analisando a participação da autora no processo histórico brasileiro. A autora participou da construção desse momento

¹⁸ Todos os fragmentos foram retirados dessa edição: Machado, Ana Maria. *Do outro mundo*. São Paulo, Editora Ática: 2006

¹⁹ Jauss, Hans Robert. O texto poético na mudança de horizonte da leitura in *Teoria da literatura em suas fontes*, v.2/ seleção, introdução e revisão técnica, Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p: 883.

político em que se vive o Brasil. Foi exilada durante o período da ditadura e passou por momentos difíceis fora do Brasil. Voltando ao Brasil em 1972, iniciou a luta para que o mundo reconheça o Brasil como produtor de cultura escrita de qualidade. Ela possui uma consciência de como o Brasil luta para retomar o crescimento educacional e principalmente em relação à leitura. “Para garantir esse direito, um professor precisa brigar pela leitura de literatura com a mesma garra com que se dispõe a reivindicar outros direitos”²⁰ Para que essa ação se concretize é necessário que o professor seja o mediador que aprecie com entusiasmo o texto literário.

Ela descreve a Elisa como a principal influência de leitura e escrito na trama. Ela confirma a presença da mulher que, de acordo com as pesquisas do pró-livro é a principal responsável pela formação leitora nos lares brasileiros.

Toda a obra traz a grande importância da valorização das diferenças. Com esse ganho pode-se avançar na convivência pacífica e obter mais conhecimento. Esse fator que está em voga para qualquer discussão acerca da criatividade e da autonomia leitora.

Ela declara nos bastidores de criação quando começou a escrever *Do outro mundo*, se lembrou da obra de Mark Twain as aventuras de Huck. Confirma que o maior terror para ela seria perder a liberdade, então resolveu fazer a história baseada nessa questão.

Do outro mundo representa um repúdio a continuação das injustiças que um ser humano impõe ao outro. Em relação ao trabalho escravo, ainda hoje no Brasil essa prática é comum. Os brasileiros escravizam os próprios brasileiros. Com a obra traz para o centro da discussão os direitos humanos e o direito a liberdade. No Brasil, segundo dados do ministério do trabalho existe hoje no Brasil cerca de trinta mil trabalhadores submetidos à condição de trabalho escravo.

A escrita perpetua no tempo os acontecimentos e possibilita a reflexão. Em *do outro mundo* o escritor infanto-juvenil supera os obstáculos e consegue concretizar a escrita da história. *Do outro mundo* surge como ponto de convergência entre o real, o ficcional e o imaginário para despertar no leitor a possibilidade de diversão e aprendizagem.

²⁰ Machado, Ana Maria. *Textura: sobre leitura e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

Para finalizar é relevante salientar que o leitor crítico-reflexivo realiza as conexões necessárias, quando possui familiaridade com a leitura literária. Porém se esse leitor estiver em processo ou for iniciante, ele compreenderá e interpretará a obra com auxílio do mediador, seja com pais e com os professores. Assim a primeira leitura de percepção estética de uma segunda leitura de interpretação retrospectiva, seguida de uma terceira leitura que será histórica, poderá ser concretizada.

A leitura da narrativa acontece de modo diferente do poema, pois, pela riqueza de detalhes, o leitor, dependendo de sua experiência e do papel do mediador, pode realizar as três leituras simultaneamente.

Bibliografia

- Andrade, Carlos Drummond. (1999) *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Genete, Gerard. (2006) *Palimpsesto, a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães e Antonia Ramos Coutinho. Belo horizonte: UFMG.
- Cândido, Antonio. *Literatura e sociedade (1965)*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.
- Jauss, Hans Robert. (2002) O texto poético na mudança de horizonte da leitura in *Teoria da literatura em suas fontes, v.2/ seleção, introdução e revisão técnica*, Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Machado, Ana Maria. (2006) *Do outro mundo*. São Paulo: Editora Ática.
- Machado, Ana Maria. (2001) *Textura: sobre leitura e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- [HTTP://www.ufpa.br/beiradorio/arquivo](http://www.ufpa.br/beiradorio/arquivo)